

política educacional

LICENCIATURA EM FÍSICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Rolando Axt; Fernando L. da Silveira; Marco A. Moreira
Instituto de Física - UFRGS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho decorre da hipótese levantada pelos autores de que estaria ocorrendo, nos últimos anos, um sensível decréscimo no número de Licenciados em Física formados por universidades da grande Porto Alegre que oferecem Licenciatura nessa área. Para testar a validade desta hipótese foi feito um levantamento do número de Licenciados em Física que colaram grau, nos últimos oito anos, nas seguintes universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Os dados obtidos vieram a confirmar o decréscimo previsto. Em função disso, foram aventadas possíveis causas e feitas algumas sugestões.

DADOS

A tabela 1 apresenta os dados relativos ao número de formados em Física (Licenciatura), nas três universidades que têm curso de Física na grande Porto Alegre, nos últimos oito anos. Nessa tabela registram-se grandes flutuações de ano para ano e não se observa um decréscimo contínuo. Entretanto, comparando os totais correspondentes aos quatro primeiros anos (1971 a 74) com os quatro últimos (1975 a 78) parece haver alguma diferença. Esta comparação está feita na tabela 2.

TABELA 1

Número de Licenciados em Física

	UFRGS	PUCRS	UNISINOS	TOTAL
1971	6	11	15 ¹	32
1972	2	2	15	19
1973	13	2	16	31
1974	8	7	13	28
1975	11	2	5	18
1976	1	6	11	18
1977	10	4	5	19
1978	3	8*	8	19
TOTAL	54	42	88	184

*Estimativa

TABELA 2

Número de Licenciados em Física nas três universidades de 1971 a 74 e 1975 a 78

	UFRGS, PUCRS, UNISINOS
1971 a 74	100
1975 a 78	84

1 - Como o curso da UNISINOS foi reconhecido em novembro de 1972, a primeira turma que colou grau o fez em dezembro daquele ano totalizando 30 formandos. Na tabela, esse total foi dividido arbitrariamente em dois grupos de 15 correspondendo a 1971 e 72.

Embora a diferença constante na tabela 2 não seja estatisticamente significativa, na prática parece ser razoável aceitar a hipótese de que o número de licenciados está de fato diminuindo na grande Porto Alegre. Principalmente, se forem levados em conta dois fatores:

1) Face ao grande aumento na população estudantil universitária ocorrido na última década seria de se esperar um aumento no número de licenciados e não uma diminuição.

2) Na UNISINOS, universidade que formou o maior número de licenciados em Física, desde o início dos anos 70 até agora, a maioria das disciplinas da Licenciatura Plena, Habilitação em Física, não está mais sendo oferecida por falta de alunos. Apenas algumas disciplinas dos últimos semestres estão sendo ministradas para alunos remanescentes de anos anteriores e, assim mesmo, ocorre que em alguns casos tais disciplinas estão sendo oferecidas porque são comuns a estudantes de Matemática. A perspectiva é a de que disciplinas específicas da Licenciatura em Física sejam oferecidas apenas esporadicamente quando houver alunos.

Isso posto, passa-se a analisar possíveis causas da diminuição observada no número de licenciados em Física.

POSSÍVEIS MOTIVOS

Pouco reconhecimento - Se o problema já existia antes da Reforma do Ensino Médio, esta contribuiu para agravá-lo. O magistério de um modo geral, e os professores de Física em particular, já não contam com o prestígio de que dispunham na época do "ginásio e do científico". Este é um motivo de frustração para a classe, cujo esforço só é lembrado quando se decide exaltar seu idealismo. Sem dúvida, idealismo é uma característica forte do magistério, mas não deveria ser mencionado sem que houvesse, em contrapartida, o reconhecimento do seu direito de afirmação dentro da sociedade, através de uma justa compensação do penoso trabalho que realiza.

Baixos salários - A principal causa da perda de "status" reside na baixa remuneração. No Rio Grande do Sul, o salário básico pago pelo Estado a um professor contratado, plano A, para um regime de 12 horas/aula semanais é de Cr\$. 2.643,00*. Estas são as condições oferecidas a um recém-formado, sendo que a grande maioria do magistério

* Dados de janeiro de 1979.

rio secundário gaúcho trabalha nesse regime, acumulando, às vezes, dois planos A, o que perfaz Cr\$. 5.286,00 por 24 horas/aula semanais. A insuficiência desse salário obriga o professor a procurar mais horas/aula semanais na rede particular, que geralmente usa como padrão o salário pago pelo Estado. Em princípio, portanto, para alcançar um salário em torno de Cr\$. 10.000,00 um professor secundário deve ministrar cerca de 40 horas/aula semanais.

Essa dura realidade já é sentida pelos professores de Física durante o curso de graduação, pois, devido à falta constante de professores em sua especialidade, são contratados a partir do 3º ano da faculdade. Não devem, pois, causar estranheza, as freqüentes desistências logo após a conclusão do curso, nem o fato de estar a Universidade - e particularmente a UFRGS - muitas vezes formando professores de Física que só exercem a profissão enquanto são estudantes. As bolsas de Pós-Graduação, muito mais compensadoras que o salário profissional de um professor, estão atraindo os professores de Física recém-formados para programas de Pós-Graduação em áreas afins como a Metalurgia ou a Computação. Também tem ocorrido sua contratação por universidades ou faculdades do interior ou mesmo de outros estados. Assim sendo, dos poucos professores de Física que ainda se formam, é raro aquele que realmente se dedica à profissão para a qual sua carreira foi concebida.

Um problema secundário, mas digno de consideração, é a impossibilidade de ascensão profissional para professores em regime de contrato, em confronto com o que ocorre em outras profissões. A ascensão profissional é uma questão de realização pessoal para todo jovem, mesmo sendo professor. Atualmente, apenas quem foi incluído no Plano de Carreira do Magistério conta com essa possibilidade, mas a inclusão nesse plano depende da aprovação em raríssimos concursos, e de paciência para aguardar a chamada para aproveitamento, processada com extrema morosidade.

A julgar pelo último concurso realizado, o tempo transcorrido entre a abertura das inscrições e a contratação dos aprovados pode vir a superar um período de 4 anos.

Na prática, a maioria do magistério vem sendo mantida em regime de contrato. Há muitos professores com 10 ou mais anos de serviço cujo salário é igual ao de um recém-contratado. Tanto faz, também, a titulação do contratado. Um professor com título de mestre e um recém-graduado recebem a mesma remuneração, o que já não se verifica com os incluídos no Plano de Carreira do Magistério do Estado.

Condições de trabalho - Estas são muito variadas e de difícil especificação, mas de um modo geral pode-se afirmar que, ao me-

nos no que concerne aos professores de Física, houve um significativo agravamento nos últimos anos. Com a Reforma criaram-se condições para que a maioria das escolas oficiais reduzisse a carga horária semanal de Física para uma ou duas, ou, na melhor das hipóteses, três horas semanais. Isto significa que, para alcançar um salário de Cr\$ 10.000,00, o professor de Física deve atender cerca de 20 turmas de aproximadamente 40 alunos por semana. Diante de uma situação dessas, como falar em ensino individualizado, em aulas de laboratório e em outras tantas coisas, que poderiam contribuir para a melhoria do ensino, quando se sabe, ainda, que os laboratórios, se existem, são precários e insuficientes? Não são poucos os professores de Física que optam pelo ensino de Matemática, onde recebem um número maior de horas/aula por turma.

Dificuldade do curso - O nível exigido de um aluno de licenciatura em Física ainda é relativamente alto contribuindo, desse modo, para manter afastado o risco de uma formação prejudicada. Contudo, em confronto com outras áreas que também formam professores, a dificuldade do curso de Física é um obstáculo que, uma vez transposto, não oferece nenhuma vantagem adicional de salário.

Desestímulo na escola - No currículo da maioria das escolas públicas a Física passou a figurar como disciplina de segundo plano. Dentre as poucas aulas semanais que lhe restam, o professor perde uma fração significativa com as inevitáveis avaliações, sem contar as recuperações, os feriados e as promoções cívicas e administrativas da escola. O Ensino da Física torna-se escasso e truncado. Não há continuidade nem evolução. Trata-se apenas de cumprir um programa rígido da maneira que for possível.

O resultado é um ensino extremamente deficiente, com reflexos negativos tanto na formação do aluno como em sua atitude frente à Física. Não é de se estranhar, pois, que tão poucos secundaristas se decidam pelo ensino da Física como profissão.

SUGESTÕES

Para o Magistério em geral - O aumento real dos salários é reivindicado constantemente e sugerí-lo já é pouco original. Como alternativa, deve-se tratar de estender aos contratados os direitos dos concursados, em termos de progressão funcional. Ao mesmo tempo é preciso agilizar os concursos que deveriam ocorrer anualmente, absorvem do sempre os recém-formados. Deste modo ser-lhes-ia oferecida a possibilidade de progressão funcional e os demais benefícios do Plano de

Carreira logo a partir do seu ingresso no magistério. Medidas como estas repercutiriam nos salários pagos pela rede de escolas privadas.

Para a Física em particular - O número de aulas semanais de Física deve ser aumentado. Em algumas escolas isto já vem sendo feito. Onde este aumento ainda não for possível, deveriam concentrar-se todas as aulas de Física num único ano. Assim evitar-se-ia a pulverização de aulas com verificações e outros eventos e reduzir-se-ia, ao menos à metade, o número de turmas por professor, cujo trabalho seria facilitado sem ônus para o empregador.

A Física e algumas outras disciplinas diferenciam-se das demais pelo fato de serem experimentais, isto é, pela presença do laboratório. Deveria existir um mecanismo de compensação para cada aula de laboratório ministrada, pois é sabido que a preparação de aulas experimentais exige tempo, do qual um professor com uma elevada taxa semanal de aulas não dispõe. Uma solução para estimular os professores de Ciências a ministrarem um maior número de aulas de laboratório poderia ser a redução de carga horária em aula, medida esta já adotada por alguns diretores sensíveis aos esforços dos seus professores e aos apelos dos que clamam pela necessidade urgente de um ensino cujo procedimento adote o método de trabalho específico das disciplinas científicas.

ERRATA

1. O número 1 apresentou vários erros de revisão, o mesmo deverá ocorrer com este número. Prometemos sanar tais imperfeições no futuro. Agradecemos a compreensão dos leitores.
2. Na relação de pessoas que colaboraram para o surgimento desta revista, publicada na página 70 do número 1, pelo menos dois nomes foram omitidos: Luiz Carlos de Menezes e Wojciech Kulesza.